



Copyright © 2021 por Vida Melhor Editora

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Publisher

Samuel Coto

Editores

André Lodos Tangerino

Bruna Gomes

Tradutor

José Fernando Cristófaló

Copidesque

Clarissa Melo

Revisão

Marina Castro

Eliana Moura Mattos

Capa, projeto gráfico de miolo

e pesquisa iconográfica

Anderson Junqueira

Diagramação

Adriana Moreno

Anderson Junqueira

Imagens de capa

Slava Gerj/Shutterstock

Imagens de miolo

John Bell, 1894

Slava Gerj/Shutterstock

Produção de ebook

S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

M112p MacDonalD, George

1.ed. Phantastes / George MacDonalD, tradução de José Fernando Cristófaló. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Thomas Nelson Brasil, 2020.

228 p.; il.; 13,5 x 20,8 cm.

Título original : Phantastes

ISBN: 9786556891163

1. Ficção escocesa. I. Cristófaló, José Fernando. II. Título.

CDD E823

11-2020/46

CDU 821.113

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura escocesa

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

do o que sei sobre George MacDonald aprendi em suas próprias obras ou na biografia, *George MacDonald and his Wife* [George MacDonald e sua esposa], que seu filho, dr. Greville MacDonald, publicou em 1924. Tampouco conversei, exceto uma única vez, com alguém que o tenha conhecido. Portanto, quanto aos poucos fatos que vou mencionar, sou inteiramente dependente do dr. MacDonald.

Aprendemos com Freud e outros sobre as distorções de caráter e os equívocos de pensamento resultantes de antigos conflitos de um homem com seu pai. De longe, a coisa mais importante que podemos saber sobre George MacDonald é que toda a sua vida ilustra o processo oposto. Um relacionamento quase perfeito com seu pai constituía a raiz terrena de toda a sua sabedoria. George afirmou que aprendeu de seu próprio pai, em primeiro lugar, que a paternidade deve estar no âmago do universo. Portanto, ele foi preparado de uma forma incomum para ensinar aquela religião na qual a relação entre o Pai e o Filho, de todas, é a mais central.

Seu pai parece ter sido um homem notável — alguém inflexível, terno e bem-humorado, tudo ao mesmo tempo, ao antigo estilo do cristianismo escocês. Esse homem teve sua perna amputada um pouco acima do joelho, em dias que antecederam o advento do clorofórmio, recusando-se a ingerir a usual dose de uísque, sendo que, apenas por um instante, quando a faca primeiro transfixou a carne, virou o rosto e emitiu um débil e sibilante gemido. Com uma piada fantástica sobre si mesmo, o pai de George conseguiu abrandar uma horripilante revolta na qual ele estava quase sendo queimado. Ele proibiu seu filho de tocar uma sela antes de aprender a cavalgar bem sem ela. Ainda o aconselhou a “desistir do infrutífero jogo da poesia”. Igualmente, solicitou e obteve a

promessa do filho de renunciar ao tabaco com a idade de vinte e três anos. Por outro lado, opôs-se à prática de atirar em aves pela crueldade do ato e, em geral, demonstrou uma ternura pelos animais pouco usual entre os fazendeiros de sua época. O filho relata que, quando jovem e adulto, o pai jamais lhe pediu algo sem obter o que solicitara. Sem dúvida, isso muito nos revela sobre o caráter tanto do pai quanto do filho. “Quem busca o Pai mais do que qualquer coisa que possa receber provavelmente recebe o que solicita, pois é improvável que peça mal.” A máxima teológica possui raízes nas experiências da infância do autor. Isso é o que pode ser chamado de “dilema antifreudiano” em ação.

A família de George (exceto seu pai, provavelmente) era, claro, calvinista. Do lado intelectual, sua história é, em grande parte, uma história de fuga da teologia na qual foi educado. Histórias de tal emancipação eram comuns no século XIX, porém a de George MacDonald pertence a esse padrão familiar apenas com uma distinção. Na maioria das histórias, a pessoa emancipada, não contente em repudiar as doutrinas, passa também a odiar os seus ancestrais e até mesmo toda a cultura e a maneira de vida a eles associadas. Portanto, obras como *The Way of All Flesh*^[01] [O destino de toda carne] vieram a ser escritas, e gerações posteriores, se não engolem toda a sátira como história, pelo menos perdoam o autor pela compreensível parcialidade que alguém, nas mesmas circunstâncias que ele, dificilmente conseguiria evitar. No entanto, não encontramos qualquer vestígio de tal ressentimento nas obras de MacDonald e tampouco somos nós que temos de encontrar circunstâncias atenuantes para seu ponto de vista. Pelo contrário, ele mesmo, no próprio centro de sua revolta intelectual, é que nos força a ver ou não elementos de real e, talvez, insubstituível valia naquilo contra o que ele se rebela.

Durante toda a sua vida George permaneceu fiel ao seu amor pela rocha da qual foi talhado. O melhor de seus romances nos transporta de volta àquele mundo “rural” de granito e charco, de campos de branqueamento ao lado de riachos que parecem fluir não com água, mas com um líquido mais consistente. Leva-nos também aos sons monótonos do maquinário de madeira, aos bolos de aveia, ao leite, ao orgulho, à pobreza e ao amor passionai do aprendizado obtido a duras penas. Seus personagens principais são os que revelam o quanto o amor real e a sabedoria espiritual podem coexistir com a declaração de uma teologia que não parece encorajar nenhum dos dois. Sua própria avó, uma velha senhora verdadeiramente terrível, capaz de queimar o violino de seu tio como se fora uma armadilha satânica, poderia muito bem ter lhe parecido como o que é agora (imprecisamente) chamado de “uma simples sádica”. Não obstante, quando algo muito parecido com ela é delineado em *Robert Falconer*^[02] e novamente em *What's Mine's Mine* [O que é meu é meu], somos compelidos a olhar com mais profundidade — para ver, no interior da crosta repelente, algo de que possamos nos compadecer de todo o coração e até mesmo respeitar com reservas. Dessa forma, MacDonald ilustra não a duvidosa máxima de que conhecer tudo é

perdoar tudo, mas a inabalável verdade de que perdoar é conhecer. Quem ama vê.

George nasceu no ano de 1824, em Huntly, Aberdeenshire, entrando para o King's College, em Aberdeen, com a idade de dezesseis anos. Em 1842, ele passou alguns meses no Norte da Escócia, catalogando a biblioteca de uma grande casa que jamais foi identificada. Menciono esse fato porque tal experiência causou uma duradoura impressão no jovem MacDonald. Vista principalmente da biblioteca e sempre através dos olhos de um estrangeiro ou subordinado (o sr. Vane, em *Lilith*, jamais parece estar em casa mesmo na biblioteca que é chamada de sua), a imagem de uma grande casa assombra os seus livros. Assim sendo, é razoável supor-se que “a grande casa no Norte” tenha sido o cenário de alguma importante crise ou evolução em sua vida. Talvez tenha sido lá que George primeiro veio a ser influenciado pelo Romantismo germânico.

Em 1850, George recebeu o que é tecnicamente conhecido como um “chamado” para se tornar o ministro de uma dissidente capela em Arundel. Por volta de 1852, ele estava em apuros com os “diáconos”, por heresia, sob a acusação de que teria expressado a crença em um estado futuro de provação para os pagãos e estaria maculado com a teologia germânica. Para se livrarem dele, os diáconos adotaram um método indireto, rebaixando seu salário — que somava cento e cinquenta libras ao ano, estando ele já casado — na esperança de que isso o levaria a renunciar. No entanto, eles subestimaram o homem. MacDonald simplesmente respondeu que a notícia era ruim o suficiente, mas que ele iria tentar viver com menos. E, por algum tempo, ele assim prosseguiu, sendo auxiliado pelas ofertas dos paroquianos mais pobres, que não compartilhavam da visão dos diáconos mais prósperos. Em 1853, no entanto, a situação tornou-se insustentável. Ele, por fim, renunciou, abraçando a carreira de palestrante, educador, pregador ocasional e escritor, além de “bicos”, os quais foram a sua sina quase até o fim. George faleceu em 1905.

Seus pulmões adoeceram, e sua pobreza tornou-se extrema. A total inanição foi, algumas vezes, impedida apenas por aquelas salvaçãoes de última hora que os agnósticos atribuem à sorte, e os cristãos, à Providência. É contra esse histórico de reiterados fracassos e incessantes perigos que alguns de seus textos podem ser lidos com maior proveito. Suas resolutas condenações à ansiedade vêm de alguém que adquiriu o direito de falar; tampouco o tom delas encoraja a teoria de que devem algo ao pensamento patológico de desejo — a *spes phthisica*[03] — dos tuberculosos. Não há nenhuma evidência a sugerir tal caráter. Sua paz de espírito não vinha da construção do futuro, mas de descansar no que ele chamava de “o presente santo”. Sua resignação com respeito à pobreza encontrava-se no extremo oposto daquela dos estoicos. Ele parece ter sido um homem radiante e brincalhão, dotado de profunda apreciação por todas as coisas realmente bonitas e deliciosas que o dinheiro pode comprar e não menos satisfeito em viver sem elas. Talvez seja significativo e, certamente, tocante o

fato de sua principal fraqueza ter sido um elevado amor pela elegância; por toda a sua vida, George foi tão hospitaleiro como somente os pobres podem ser.

Se definirmos a literatura como uma arte cujo meio são as palavras, então, certamente, MacDonald não tem lugar na primeira fila, quiçá nem mesmo na segunda. De fato, há passagens em que a sabedoria e (ousarei chamar de) a santidade em seu interior triunfam sobre, e até mesmo pulverizam, os elementos mais básicos em seu estilo: a expressão torna-se precisa, convincente, econômica, adquirindo um aspecto cortante. Porém ele não mantém esse nível por muito tempo. A textura de sua escrita é indistinta como um todo e, por vezes, hesitante. Tradições ruins de pregação também estão presentes; há, algumas vezes, uma verbosidade não conformista, em outras, uma velha fraqueza escocesa por floreios (isso corre entre eles, de Dunbar[04] a *Waverly Novels* [Os romances *Waverly*]),[05] ainda em outras, uma excessiva doçura extraída de Novalis.[06] Porém isso não o descarta aos olhos do crítico literário. O que ele faz de melhor é a fantasia — fantasia que flutua entre a alegoria e o mitopeico. E isso, em minha opinião, George realiza melhor que qualquer outro. O problema crítico com o qual somos confrontados é se esta arte — a arte de criar mitos — constitui uma espécie de arte literária. A objeção de assim classificá-la é que o mito não existe essencialmente em *palavras*, afinal. Todos nós concordamos que a história de Balder[07] é um grande mito, algo de valor inesgotável. Mas qual versão, que palavras temos em mente quando proferimos isso?

De minha própria parte, a resposta é que não estou pensando nas palavras de ninguém. Nenhum poeta, pelo que conheço ou recordo, contou essa história de forma suprema. Eu não estou pensando em nenhuma versão em particular. Se a história é, em algum lugar, personificada em palavras, isso é quase um acidente. O que realmente me delicia e alimenta é um padrão particular de eventos que me deliciaria e alimentaria da mesma forma se houvesse chegado até mim por algum meio que não envolvesse palavra alguma — uma mímica ou filme mudo. E descubro que isso é verdade no tocante a todas essas histórias. Quando penso na história dos argonautas e a louvo, não estou louvando Apolônio Ródio[08] (o qual nunca terminei), tampouco Kingsley[09] (a quem esqueci), nem mesmo Morris,[10] embora considere a sua versão um poema deveras agradável. A respeito disso, as histórias do tipo mítico encontram-se no polo oposto ao da poesia lírica. Ao tentar considerar o “tema” de *Ode a um rouxinol*, de Keats,[11] separado das próprias palavras com as quais o autor personificou a sua obra, você descobrirá estar falando sobre quase nada. Forma e conteúdo podem ser lá separados apenas por uma falsa abstração. Porém, no caso de um mito — em uma história em que o mero padrão de eventos é tudo o que interessa —, as coisas não são assim. Qualquer meio de comunicação que seja bem-sucedido em alojar os eventos em nossa imaginação consegue, como dizemos, “realizar o truque”. Depois disso, você pode jogar fora o meio de comunicação. Na verdade,

se o meio de comunicação são palavras, é desejável que sejam bem escolhidas, assim como é desejável que uma carta, ao trazer-lhe notícias importantes, seja adequadamente escrita. Contudo esse é um inconveniente menor, pois a carta acabará, de qualquer modo, dentro de um cesto de lixo tão logo você tome conhecimento de seu conteúdo, e as palavras (aquelas que Lemprière[12] teria escrito) estarão fadadas a ser esquecidas assim que você se apoderar do mito. Na poesia, as palavras constituem o corpo, enquanto o “tema” ou “conteúdo” constitui a alma. Porém, no mito, os eventos imaginados constituem o corpo, e algo inexpressível é a alma: as palavras, ou mímica, ou filme, ou série ilustrada nem mesmo são roupas — não são muito mais que um telefone. Tive evidência disso quando, há alguns anos, ouvi pela primeira vez a história do *Castelo*, de Kafka, narrada em conversação e, mais tarde, li o livro. A leitura nada me acrescentou, pois já havia recebido o mito, que era tudo o que importava.

A maioria dos mitos foi criada em tempos pré-históricos e, suponho, não de modo consciente pelos indivíduos. Porém, de quando em quando, surge no mundo moderno um gênio — um Kafka ou um Novalis — capaz de realizar tal proeza. MacDonald é o maior gênio desse tipo que eu conheço, mas não sei como classificar tal genialidade. Chamá-lo de gênio literário não parece satisfatório, uma vez que isso pode coexistir com grande inferioridade na arte das palavras, já que sua conexão com elas é meramente externa e, de certo modo, acidental. Tampouco pode ser enquadrado em qualquer uma das outras artes. Começa a parecer que há uma arte, ou um dom, que a crítica ignora completamente. Pode mesmo ser uma das mais nobres artes, pois produz obras que nos propiciam, no primeiro contato, tanto deleite e, no contato mais prolongado, tanta sabedoria e força quanto as obras dos maiores poetas. De certo modo, é mais semelhante à música que à poesia ou, pelo menos, à maioria delas. Vai além da expressão de coisas que sentimos, suscitando em nós sensações que jamais experimentamos e nunca imaginamos ter antes, como se tivéssemos rompido nosso modo normal de consciência e “possuíssemos alegrias não prometidas em nosso nascimento”. Isso penetra a nossa pele, nos atinge em um nível mais profundo que nossos pensamentos ou mesmo as nossas paixões, abalando as mais velhas certezas até que todas as questões sejam reabertas, e, em geral, nos deixa mais conscientes do que na maior parte de nossa vida.

Foi nessa arte mitopeica que MacDonald distinguiu-se. As grandes obras são *Phantastes*, os livros *Curdie*, *The Golden Key* [A chave dourada], *The Wise Woman* [A mulher sábia] e *Lilith*. Deles, simplesmente pelo fato de que são supremamente bons em seu estilo, há pouco a ser extraído. Creio ter sido há mais de trinta anos que comprei — quase a contragosto, pois já havia examinado o volume na prateleira e o rejeitado inúmeras vezes antes — a obra *Phantastes*, da editora Everyman.[13] Horas mais tarde, tive a convicção de haver cruzado uma grande fronteira. Já havia mergulhado no Romantismo, provavelmente fundo o bastante para, a qualquer momento, começar a debater-me em suas formas mais sombrias

e malignas, serpenteando o íngreme declive que leva do amor pela singularidade àquele pela excentricidade e dali para o amor pela perversidade. *Phantastes* era romântico o suficiente em toda a consciência, porém havia uma diferença. Naquela época, nada estava mais distante dos meus pensamentos que o cristianismo e, portanto, eu não tinha a mínima noção de que diferença era aquela. Apenas tinha consciência de que, se esse novo mundo era estranho, era igualmente simples e humilde; de que, se isso era um sonho, era um sonho no qual a pessoa, pelo menos, sentia-se estranhamente vigilante; de que todo o livro tinha um tipo de inocência matutina e tranquila e, também, inequivocamente, certa qualidade de Morte, de *boa Morte*. Na realidade, o resultado dessa experiência em mim foi a conversão, até mesmo batismo (no qual a Morte surgiu), da minha imaginação. Nada ocorreu ao meu intelecto e tampouco, naquela época, à minha consciência. Isso aconteceu muito mais tarde e com o auxílio de muitos outros livros e homens. Entretanto, quando o processo se completou — com isso, claro, quero dizer “quando *realmente* começou” —, descobri que ainda estava com MacDonald, pois ele havia me acompanhado por todo o caminho e, agora, por fim, eu estava pronto para escutar dele muitas coisas que ele não poderia ter me contado em nosso primeiro encontro. Porém, em certo sentido, o que ele estava me dizendo agora era exatamente o mesmo que me dissera desde o princípio. Não havia dúvidas quanto a ir ao cerne e descartar a casca. Nenhum questionamento quanto a isso ser uma pílula dourada. A pílula era ouro puro.

A qualidade que me encantara em suas imaginativas obras transformou-se na qualidade do universo real, do divino, da magia, abalando e extasiando a realidade na qual nós todos vivemos. Eu teria sido impactado em minha adolescência se alguém me dissesse que aquilo que aprendi a amar em *Phantastes* era bondade. Porém, agora consciente, percebo que não houve decepção, pois ela está no sentido contrário — naquele moralismo prosaico que restringe a bondade à região da Lei e do Dever; que jamais nos permite sentir, soprando em nosso rosto, a doce brisa da “terra da justiça”, e nunca nos revela aquela Forma fugidia que, se vista, inevitavelmente é desejada com todo o ardor — algo (na frase da poetisa grega Safo) “mais dourado do que o próprio ouro”.

[01] ²⁸Livro autobiográfico publicado por Samuel Butler em 1903, no qual o autor conta a história de quatro gerações da família Pontifex. Considerado por George Orwell “um ótimo livro, porque oferece um retrato honesto da relação entre pai e filho”, consiste em uma crítica aos valores da época vitoriana. O título é baseado em uma frase do texto bíblico de 2Reis 2:2. [N. E.]

[02] ²⁸Robert Falconer (1867-1943) foi um erudito canadense que, a despeito de ser biblista de formação, escreveu sobre vários assuntos. [N. E.]

[03] ²⁸A expressão latina *spes phthisica* era usada no século XIX para se referir a um estado de criatividade artística que, conforme se acreditava, acometia os diagnosticados com a tísica, isto

é, a tuberculose. [N. E.]

[04] 28 William Dunbar, poeta escocês nascido em 1459 ou 1460 e morto por volta de 1530, conhecido por sua habilidade em variar temas e estilos e por seu lirismo sofisticado. [N. E.]

[05] 28 Refere-se a uma série de romances escritos por Sir Walter Scott, que, por quase cem anos, foi extremamente popular em toda Europa. Publicado em 1814, o primeiro volume conta a história de Edward Waverly, um soldado inglês que, antes de ir para a guerra, visita seus parentes na Escócia. Por terem temáticas parecidas, os demais volumes ficaram conhecidos como “Os romances Waverly”. [N. E.]

[06] 28 George Philipp Friedrich von Hardenberg, conhecido pelo pseudônimo Novalis, foi um dos principais representantes do chamado Romantismo místico alemão, nascido em 1772 e morto em 1801, vítima da tuberculose. [N. E.]

[07] 7 28 Na mitologia nórdica, Balder é o deus da sabedoria e da justiça, filho de Odin e Frigga. [N. E.]

[08] 28 Poeta grego do século III a.C., autor do poema épico *As Argonáuticas*, que narra a história de Jasão e dos argonautas, em sua viagem da Grécia até a Cólquida, onde hoje fica a Geórgia. [N. E.]

[09] 28 Charles Kingsley, romancista inglês do século XIX e autor de diversas obras sobre a mitologia grega. [N. E.]

[10] 28 William Morris, poeta e romancista inglês do século XIX, autor de uma versão do mito dos argonautas chamada *The Life and Death of Jason* [A vida e morte de Jasão]. [N. E.]

[11] 28 John Keats, poeta romântico inglês (1795–1821) [N. E.].

[12] 28 Refere-se a John Lemprière (1765-1824), classicista, lexicógrafo, teólogo, professor e diretor de escola.

[13] 28 Everyman foi uma editora fundada no início do século XX na Inglaterra com objetivo de republicar grandes clássicos da literatura ocidental [N. E.].

“Phantastes, derivando de ‘suas fontes’ todas as formas, novos ornamentos rapidamente adornam.”

— *Purple Island* [Ilha Purpúrea],
de Phineas Fletcher



*Para dizer a verdade, mestres, isto não é
uma porta. Mas é uma pequena janela, que
contempla um grande mundo.*

“É possível imaginar histórias sem qualquer coesão racional e mesmo assim repletas de associações, como sonhos, e poemas que são apenas sons adoráveis, repletos de lindas palavras, porém igualmente sem racionalidade e conexões — com, no máximo, versos individuais inteligíveis, como fragmentos das mais variadas coisas. Essa verdadeira poesia é capaz de, tão somente, ter um significado alegórico e um efeito indireto, tal como a música provoca. Consequentemente, a natureza é tão puramente poética como o quarto de um mago ou um físico, como o quarto de crianças ou a oficina de um carpinteiro...

Um conto de fadas é como uma visão sem conexões racionais, um todo harmonioso de eventos e coisas milagrosas — como uma fantasia musical, uma harmoniosa sequência de harpa eólica e a própria Natureza, de fato.

Em um genuíno conto de fadas, tudo deve ser fantástico, misterioso e inter-relacionado, tudo tem de ser vivo, cada um à sua própria maneira. O todo da Natureza deve ser magnificamente misturado com o mundo do Espírito. Em um conto de fadas, o tempo da anarquia, ilegalidade, liberdade, o estado natural da própria Natureza faz-se sentir no mundo... O reino do conto de fadas é aquele mundo totalmente contrário ao mundo da verdade racional e, exatamente por essa razão, é um análogo perfeito dele, tal como

o Caos é análogo da Criação.”

— Novalis Schriften [Escritos de Novalis], de Novalis

Copyrighted image

Copyrighted image

*como se ele e aquilo
Fossem tudo o que existisse.”*
— *Alastor*, de Percy Bysshe Shelley



Copyrighted image

Na manhã, despertei com a usual perplexidade da mente que me acompanha o retorno à consciência. Enquanto me levantava e olhava através da janela do meu quarto, um tênue raião cor de pêssego, dividindo uma nuvem que acabara de se levantar acima da pequena elevação do horizonte, anunciava a aproximação do Sol. Quando meus pensamentos, que em um sono profundo e, aparentemente, sem sonhos havia dissolvido, começaram novamente a assumir formas cristalinas, os estranhos eventos da noite anterior apresentaram-se outra vez à minha estupefata consciência. Na véspera, havia comemorado meu vigésimo primeiro aniversário. Entre outras cerimônias, investindo-me de meus deveres legais, foram-me entregues as chaves de uma velha escrivaninha, na qual meu pai mantinha seus documentos particulares. Assim que constatei estar só, ordenei que iluminassem o gabinete onde estava o móvel. Foram as primeiras luzes que iluminaram aquele recinto em muitos anos; desde a morte de meu pai, o aposento permanecera intocado. No entanto, como se as trevas tivessem ocupado aquele lugar por tempo demais para serem expelidas com facilidade, fixando-se e escurecendo as paredes como morcegos, tais velas serviam, embora mal, para iluminar as lúgubres decorações e pareciam jogar sombras ainda mais escuras nos detalhes da bem trabalhada moldura do

teto. Todas as outras áreas do cômodo permaneciam envoltas em um mistério cujas raízes mais profundas estavam reunidas em torno do gabinete de carvalho escuro do qual me aproximei com um estranho misto de reverência e curiosidade. Quem sabe, como um geólogo, eu estivesse prestes a iluminar os extratos enterrados do mundo humano, com seu fóssil permanecendo carbonizado pela paixão e petrificado pelas lágrimas. Quem sabe estivesse prestes a entender como meu pai, cuja história de vida me era desconhecida, entrelaçara sua teia da história, como descobrira o mundo e como o mundo o havia deixado. Quem sabe estivesse para encontrar apenas os registros de terras e riquezas, tão escondidas e seguras, vindas de homens estranhos, através de tempos turbulentos, até mim, que pouco ou nada sabia a respeito deles.

A fim de eliminar as minhas especulações e para dispersar o temor que rapidamente estava crescendo ao meu redor, como se os mortos estivessem se aproximando, dirigi-me à escrivaninha e, tendo encontrado a chave que se encaixava na parte de cima, abri-a com certa dificuldade. Então, puxei para perto dela uma pesada cadeira de encosto alto e sentei-me diante de uma infinidade de pequenos compartimentos, gavetas e puxadores. No entanto, a portinhola de um diminuto armarinho no centro, em especial, atraiu a minha atenção, como se lá repousasse o segredo de um mundo há muito escondido. Encontrei sua chave. Uma das enferrujadas dobradiças estalou e partiu-se no instante em que abri a portinhola, revelando inúmeras outras mínimas repartições. Entretanto essas repartições eram mais rasas quando comparadas com a profundidade daquelas ao redor do pequeno armarinho, pois as do lado de fora alcançavam até a parte de trás do móvel. Assim, concluí que deveria haver algum espaço acessível atrás dele. De fato, descobri que elas foram construídas em estruturas separadas, que podiam ser puxadas como uma só peça.

Na parte posterior, encontrei um tipo de porta flexível formada por pequenas barras de madeira horizontalmente unidas. Depois de longa busca, tentando movê-la de diversas maneiras, descobri, afinal, um diminuto botão de aço em um dos lados. Pressionei-o repetidamente com a ponta de uma velha ferramenta ali por perto, até que, depois de um tempo, ele começou a ceder para dentro, e a pequena lâmina, subindo repentinamente, revelou uma câmara – vazia, exceto por uma pilha de pétalas de rosas murchas cujo perfume havia sumido em uma das extremidades, e, na outra, um pequeno pacote de papéis, unidos por um pedaço de laço, cuja cor havia partido juntamente com o perfume da rosa. Quase temendo tocá-los, pois cumpriram, sem reclamar, a lei do esquecimento, recostei-me em minha cadeira e os fitei por um instante, quando, de repente, vislumbrei na soleira da pequena câmara, como se tivesse emergido do chão, uma diminuta figura de mulher, tão perfeita em sua forma como se fosse uma pequena estatueta grega desperta para a vida e o movimento. Seu vestido era de um tipo que jamais se tornaria obsoleto, porque era simplesmente natural: uma túnica trançada em uma fita ao redor do pescoço e limitada por um cinto na

altura da cintura, estendendo-se até seus pés. Somente mais tarde, contudo, eu notei seu vestido, embora minha surpresa não fosse, de forma alguma, tão avassaladora quanto era de se esperar ao testemunhar uma aparição dessa. Entretanto, percebendo, creio eu, alguma perplexidade em minhas expressões, ela caminhou em minha direção, postando-se a cerca de um metro de mim, e disse, numa voz que estranhamente lembrava uma sensação de crepúsculo, bancos de rios formados por juncos e um vento soprando baixo, mesmo nesse cômodo de morte:

— Anodos, você nunca viu uma criatura tão pequena antes, viu?

— Não — respondi —, e, na verdade, acho difícil acreditar no que estou vendo agora.

— Ah! Isso sempre acontece com os homens, pois vocês nunca acreditam em nada na primeira vez, sendo tolos o bastante para deixarem que a mera repetição os convença daquilo que consideram inacreditável. Contudo não vou discutir com você; vou conceder-lhe um desejo.

Nesse ponto, não consegui deixar de interrompê-la em seu discurso tolo, porém não tenho motivos para me arrepender de tê-lo feito.

— Como pode uma criatura tão pequena como você me garantir ou negar qualquer coisa?

— Essa é toda a filosofia que você acumulou em vinte e um anos? — ela ironizou. — O tamanho não é nada, o conteúdo é que importa. Trata-se de mera questão de relação. Suponho que sua alteza não se sinta totalmente insignificante do alto de seu um metro e oitenta de altura, embora, para os demais, você certamente pareça pequeno ao ser comparado com o seu velho tio Ralph, mais alto que você cerca de quinze centímetros, no mínimo. Porém o tamanho significa tão pouco para mim, que me encaixarei em seus tolos preconceitos.

Tendo dito isso, ela pulou da mesa para o chão, onde apareceu como uma alta e graciosa dama, de semblante pálido e grandes olhos azuis. Seus cabelos escuros esvoaçavam atrás dela, ondulados, mas não encaracolados, até a cintura, e suas formas delineavam-se nitidamente contrapostas à sua túnica branca.

— Agora — disse —, você acreditará em mim.

Inebriado pela presença de tamanha beldade que agora vislumbrava e atraído por uma força tão irresistível quanto incompreensível, creio que estendi meus braços em sua direção, ao que ela recuou um ou dois passos, dizendo:

— Garoto tolo, se você pudesse me tocar, eu teria de machucá-lo. Além disso, completei duzentos e trinta e sete anos na metade do último verão e, como você sabe, um homem não deve se apaixonar por sua avó.

— Mas você não é minha avó — afirmei.

— Como pode ter certeza disso? — ela retrucou. — Arrisco dizer que você sabe alguma coisa sobre seus tataravôs até muito antes disso, mas sabe muito pouco sobre suas tataravós de qualquer um dos lados. Agora, indo direto ao ponto. Sua

irmãzinha estava lendo um conto de fadas para você ontem à noite, não é mesmo?

— Sim, ela estava.

— Ao terminar de ler, ela lhe perguntou, enquanto fechava o livro: “Existe um país das fadas, irmão?”. Você respondeu com um suspiro: “Presumo que sim, se ao menos alguém encontrasse o caminho para lá”.

— Foi sim, mas eu quis dizer algo bem diferente do que você parece estar pensando.

— Não se importe com o que eu pareça estar pensando. Você encontrará o caminho para o Reino das Fadas amanhã. Agora olhe nos meus olhos.

Ansiosamente, eu obedeci. Eles me preencheram de um desejo desconhecido. De alguma forma, lembrei-me que minha mãe morreu quando eu ainda era um bebê. Olhei cada vez mais fundo, até que seus olhos se abriram ao meu redor como mares e afundei em suas águas. Esqueci todo o resto até me descobrir ao lado da janela, cujas cortinas sombrias estavam recolhidas, e onde permaneci, observando fixamente um divino céu cheio de estrelas, pequenas e resplandecentes sob o luar. Abaixo havia um mar, parado como a morte e branco à luz da Lua, estendendo-se em direção às baías e ao redor de cabos e ilhas, cada vez mais distante. Jamais vi algo tão branco. Ai de mim! Não era um mar, mas uma névoa baixa e brilhante por causa da Lua. “Certamente há um mar assim em algum lugar!”, disse a mim mesmo. Então, uma voz suave e doce respondeu, atrás de mim:

— No Reino das Fadas, Anodos.

Virei-me, mas não vi ninguém. Fechei a escrivaninha e fui para o meu próprio quarto, direto para a cama.

Lembrei-me de tudo ao permanecer deitado com os olhos semiabertos. Eu logo descobriria que a promessa da dama era verdadeira: neste dia eu encontraria a estrada para o Reino das Fadas.

Copyrighted image



Copyrighted image

quanto rememorava esses estranhos eventos em minha mente, de repente, como alguém que desperta para a consciência de que o mar esteve gemendo ao seu lado por horas ou que a tempestade esteve uivando em sua janela a noite inteira, atentei para o som de água corrente perto de mim. Ao olhar para fora da cama, vi que uma banheira de mármore, na qual costumava me lavar e que ficava num pedestal baixo de mesmo material, posicionada num canto do meu quarto, estava transbordando como uma fonte, e um riacho de água límpida corria pelo tapete, por toda a extensão do quarto, encontrando vazão sabe-se lá onde. Mais estranho ainda é que onde esse tapete, projetado por mim mesmo para imitar um campo de grama e margaridas, margeava o curso do pequeno riacho, as lâminas de grama e as margaridas pareciam balançar por causa de uma pequena brisa que acompanhava o sentido da água, ao passo que, embaixo do pequeno regato, elas se curvavam e agitavam conforme o movimento inconstante da corrente, como se fossem se dissolver com ela, esquecendo-se de sua forma fixa e tornando-se fluentes como as águas.

Minha penteadeira era uma antiquada peça de mobília confeccionada em carvalho preto, com gavetas por toda a sua frente. Estas eram cuidadosamente entalhadas em ornamentos que imitavam folhas e flores, nos quais a hera formava a parte principal. A extremidade mais próxima dessa peça permanecia como sempre esteve, porém, na mais distante, uma singular mudança havia

iniciado. Por acaso fixei o olhar sobre um pequeno ramalhete de folhas de hera. A primeira delas era, evidentemente, fruto do trabalho do artífice; a seguinte já me pareceu curiosa; porém a terceira era, indubitavelmente, hera viva, sendo que, ao lado, um ramo de trepadeira havia se entrelaçado à dourada alça de uma das gavetas. Em seguida, ao ouvir um leve movimento acima de mim, olhei para o alto e notei que os galhos e as folhas desenhados nas cortinas de minha cama movimentavam-se suavemente. Desconhecendo que mudança ocorreria a seguir, pensei ser aquela uma boa hora para me levantar, mas, esticando-me para fora da cama, meu pé desnudo pisou em uma relva verde gelada. Embora tenha me vestido com toda a pressa do mundo, vi-me tendo que fazer minhas necessidades debaixo dos ramos de uma grande árvore, cuja copa balançava sob os dourados raios do nascer do Sol, intercalados a luzes de vários matizes e às sombras das folhas e galhos que dançavam ao sabor do vento gelado da manhã, tal como ondas do mar quebrando na praia.

Depois de me lavar o melhor que podia no límpido riacho, levantei-me e olhei ao redor. A árvore sob a qual parecia ter me deitado durante toda a noite era um dos postos mais avançados de uma densa floresta, em cuja direção fluía o riacho. Traços pálidos de pegadas, muitos dos quais cobertos de grama e musgo, apresentando pimpinelas aqui e acolá, eram discerníveis ao longo da margem direita. “Este”, pensei eu, “com certeza deve ser o caminho para o Reino das Fadas que a dama da noite passada prometeu que eu encontraria em breve”. A seguir, cruzei o riacho e acompanhei-o, seguindo a trilha de sua margem direita, até que cheguei à floresta, como imaginara. Nesse ponto, deixei a trilha, sem qualquer boa razão e com um vago sentimento de que deveria ter seguido seu caminho, tomando uma direção mais ao sul.

Copyrighted image

Copyrighted image

*Evitar teu companheiro, vao teu plano;
Tudo o que interessa ao homem é o homem.”*

— Henry Sutton



Copyrighted image

árvores, que estavam longe umas das outras onde eu entrei, dando passagem livre aos raios de Sol, fecharam-se rapidamente conforme eu avançava, de modo que logo seus arredondados troncos barraram a entrada da luz solar e formaram uma densa barreira entre mim e o leste. Pareceu-me estar avançando rumo a uma segunda meia-noite. Contudo, em meio àquele crepúsculo que se impunha, antes de adentrar o que aparentava ser a parte mais escura da floresta, vislumbrei uma donzela caminhando em minha direção, vindo de suas profundezas. Ela pareceu não me notar, já que aparentemente estava ocupada com um feixe de flores selvagens que carregava em suas mãos. Mal conseguia ver seu rosto, pois, embora caminhasse diretamente ao meu encontro, em nenhum momento ela levantou a cabeça. No entanto, quando me alcançou, em vez de passar por mim, ela deu meia-volta e andou ao meu lado por alguns metros, ainda mantendo o rosto voltado para baixo e se ocupando com suas flores. Durante todo o tempo, entretanto, ela falava rápido, num tom de voz baixo, como se estivesse falando consigo mesma, mas claramente dirigindo suas palavras a mim. Aparentava estar com medo de ser observada por algum inimigo à espreita.

— Confie no Carvalho — disse ela —, confie no Carvalho, no Olmo e na grande Faia. Tome conta da Bétula, pois, embora ela seja honesta, ainda é muito nova para ser imutável. No entanto, se afaste do Freixo e da Amieiro, pois o Freixo é um ogro – você o reconhecerá por seus dedos grossos –, e a Amieiro o sufocará com sua rede de cabelos se você permitir que ela se aproxime durante a noite.

Tudo isso foi dito sem pausa ou mudança de tom. De repente, ela se virou e me deixou, caminhando no mesmo ritmo invariável. Não pude conceber o significado disso tudo, mas me dei por satisfeito ao pensar que haveria tempo suficiente para descobrir o que ela quis dizer quando surgisse a necessidade de fazer uso de seus conselhos, que, por sua vez, seriam revelados pela ocasião. Concluí, a partir das flores que carregava, que toda a floresta não poderia ser tão densa quanto aparentava de onde eu me encontrava na hora. Eu estava certo, pois logo cheguei a uma parte mais aberta e, depois, atravessei uma vasta clareira coberta de grama, na qual havia diversos círculos de um verde mais brilhante. Mas, mesmo ali, fui atingido por um silêncio absoluto. Não ouvi o canto de nenhum pássaro nem o zumbido de um inseto. Nenhuma criatura viva cruzou meu caminho. Contudo, de alguma forma, todo o ambiente parecia estar apenas dormindo e, mesmo nesse estado, um sentimento de expectativa pairava no ar. Todas as árvores pareciam ter uma expressão de mistério consciente, como se dissessem para si mesmas: “Nós podemos, se o fizermos”. Todas apresentavam um aspecto grave. Então, lembrei-me de que a noite é o dia das fadas e, a Lua, seu Sol. Assim, pensei: “Tudo dorme e sonha agora: quando a noite vier, será diferente”. Ao mesmo tempo, sendo um homem e um filho do dia, senti um pouco de ansiedade sobre como me sairia estando entre os elfos e outros filhos da noite. Estes acordam quando os mortais, como eu, sonham, vivendo suas rotinas naquelas horas extraordinárias que silenciosamente passam entre figuras imóveis de homens, mulheres e crianças esparramadas na cama e divididas sob o peso das ondas da noite, que fluem e os derrubam, mantendo-os afogados e inconscientes, até que venha a maré baixa e as ondas retornem para o oceano da escuridão. Porém tomei coragem e prossegui. Entretanto logo voltei a ficar ansioso, mas por causa de outra coisa. Não havia comido nada naquele dia e, durante a última hora, a fome me assolou. Então o meu temor cresceu ao imaginar que não encontraria nada para satisfazer minhas necessidades humanas nesse lugar estranho, mas, de novo, enchi-me de esperança e segui em frente.

Antes do meio-dia, imaginei ter visto uma leve fumaça azul saindo dos troncos das árvores maiores à minha frente. Em seguida, me vi em um lugar aberto onde havia uma pequena cabana construída de maneira a deixar que os troncos de quatro grandes árvores formassem suas extremidades, enquanto os galhos se encontravam e se entrelaçavam sobre o teto, formando uma grande nuvem de folhas sobre ela, em direção aos céus. Imaginei-me encontrando um humano habitando nessa vizinhança, e, ainda que não parecesse totalmente

*image
not
available*

decorativas formas, reunidas em grupos, em cortejos, pares ou trios, movendo-se de maneira majestosa, correndo alucinadamente ou apenas caminhando para lá e para cá. Do alto de cálices ou corolas de flores altas, como se estas fossem camarotes, algumas olhavam para a multidão abaixo, uma hora explodindo em risadas; na outra, sérias como corujas. Contudo, mesmo na mais profunda seriedade, elas pareciam apenas estar esperando pela chegada da próxima risada. Algumas eram lançadas num pequeno córrego lodoso ao fundo, em barcos selecionados entre o amontoado de folhas do último ano espalhadas, retorcidas e secas. Essas logo afundavam, porém elas nadavam de volta à terra e pegavam outras. Aquelas cujos barcos eram pétalas de rosas não murchas flutuavam por mais tempo; mas, para obtê-las, tinham de lutar, pois as fadas das roseiras reclamavam amargamente por estarem lhes roubando as roupas, defendendo sua propriedade com bravura.

— Você não consegue vestir nem metade das que já tem — diziam algumas.

— Não é da sua conta. Eu não permiti que você as pegasse: elas são minhas.

— Tudo pelo bem da comunidade! — disse uma delas, e fugiu com uma grande pétala. Contudo a fada da rosa pulou atrás dela (como era linda! muito parecida com uma jovem dama), derrubou-a com um toque nos calcanhares enquanto ela corria, recuperando sua grande pétala vermelha. No entanto, enquanto isso, outras vinte correram em diferentes direções com outras pétalas tão bonitas quanto, e a pequena criatura sentou-se e chorou. Então, mal-humorada, produziu de sua árvore uma perfeita nevasca rosa de pétalas, pulando de galho em galho, batendo o pé, estremecendo e puxando. Por fim, depois de chorar mais um pouco, ela escolheu a maior pétala que pôde encontrar e correu para longe, rindo, para lançar seu barco em direção ao restante do grupo.

Porém minha atenção foi primeira e especialmente atraída por um grupo de fadas próximas à cabana, que estavam conversando juntas ao redor do que parecia ser uma última primula, a morrer. Elas conversavam cantando, e suas falas compunham uma música. Algo como:

“A irmã Campânula morreu
Antes de nascermos.”

“Como noiva ela apareceu
Numa manhã coberta de neve.”

“O que é uma noiva?”
“O que é neve?”

“Nunca a provei.”
“Não sei.”

“Quem lhe contou sobre ela?”
“A pequena Primula
Não consegue viver sem ela.”

*image
not
available*

caindo em uma chuva de faíscas dos mais deslumbrantes e variados matizes. Centelhas douradas e vermelhas, roxas e verdes, azuis e rosadas riscavam os céus, abaixo das sombrias copas e em meio aos troncos colunares das árvores da floresta. Observei que os besouros jamais usavam o mesmo vaga-lume duas vezes, mas deixavam-no ir, aparentemente ileso pelo uso que haviam feito dele.

Em outras partes, toda a folhagem imediatamente ao redor era iluminada pela dança aérea de vaga-lumes coloridos de maneira esplêndida, que ziguezagueavam de lá para cá, viravam, voltavam e cruzavam, repetidas vezes, entrelaçando toda a complexidade de um movimento no outro. Aqui e ali, as poderosas árvores reluziam ao emanar uma luz fosforescente. Era possível traçar o próprio caminho das grandes raízes na terra apenas pela fraca luz que resplandecia; e todo ramo ou veio das folhas constituía um raio de luz de um fogo pálido.

O tempo todo, conforme avançava floresta adentro, fui perseguido por um sentimento de que outras formas, mais parecidas com a minha em tamanho e aparência, estavam se movendo a uma pequena distância de mim, em ambos os lados. Mas, como ainda não podia discernir nenhuma delas, apesar de a Lua estar alta a ponto de enviar muitos de seus raios para baixo, entre as árvores, e de esses raios serem extraordinariamente brilhantes e iluminadores, ainda que fosse uma meia-lua. Com frequência eu imaginava, porém, que as formas eram visíveis em todas as direções, exceto naquela para a qual se voltava o meu olhar. E que só ficavam invisíveis ou viravam outras formas da floresta no momento em que meus olhos se direcionavam a elas. No entanto, exceto por esse sentimento de presença, as árvores pareciam totalmente desprovidas de qualquer elemento humano, embora repetidas vezes meu olhar recaísse sobre algum objeto que imaginava ser uma forma humana. Porém logo descobria que estava equivocado, pois, ao firmar os olhos, constatava se tratar obviamente de um arbusto, uma árvore ou uma rocha.

*image
not
available*

poder do medo dentro de mim, ao passo que, sabendo haver causa pior de apreensão do que antes, eu me mantive igualmente ignorante a respeito de contra o que deveria me defender ou como tomar quaisquer precauções: ele podia me espreitar na escuridão a qualquer momento. Rapidamente fiquei de pé e disparei não sei para onde, apenas para longe do espectro. Não pensei mais no caminho e muitas vezes escapei por pouco ao me arremessar cheio de medo contra uma árvore, na minha impetuosa fuga.

Grandes gotas de chuva começaram a tamborilar nas folhas. Como murmúrios, trovões começaram a soar e, então, rugir à distância. Corri. A chuva caiu mais forte, até que, por fim, as folhas grossas não foram capazes de aguentar por mais tempo. Como um segundo firmamento, elas derramaram suas torrentes na terra. Logo eu estava ensopado, mas isso não era nada. Cheguei a um pequeno e transbordante córrego que corria pela floresta. Tinha uma vaga esperança de que, se o cruzasse, estaria a salvo de meu perseguidor; porém rapidamente descobri que minha esperança era tão falsa quanto indefinida. Lancei-me através do córrego, subi num terreno mais alto e alcancei um espaço mais aberto, onde havia somente árvores grandes. Caminhei entre elas, mantendo-me a leste o máximo que poderia imaginar, mas nem um pouco certo de que não caminhava na direção oposta. Minha mente estava se recuperando um pouco do terror extremo, quando, de repente, o clarão de um raio, ou melhor, uma cascata de clarões sucessivos vindos de trás de mim parecia cair no chão à minha frente, porém mais fraca do que antes, a partir de toda a extensão da fonte de luz, a sombra da mesma mão horrível. Fugi a uma velocidade ainda maior que antes. Entretanto não havia ainda percorrido grande distância quando meu pé escorregou e, tentando em vão recuperar o equilíbrio, caí aos pés de uma das grandes árvores. Ainda meio atordoado, consegui me levantar e, quase involuntariamente, olhei para trás. Tudo que vi foi a mesma mão a cerca de um metro de meu rosto. No entanto, ao mesmo tempo, senti dois grandes e suaves braços me envolvendo, vindos de trás, e uma voz feminina a me dizer:

— Não tema o gnomo: ele não ousará machucá-lo agora.

Com isso, a mão recuou, repentinamente, como se recuasse do fogo, e desapareceu em meio à escuridão e à chuva. Tomado por um sentimento misto de terror e alegria, permaneci parado por algum tempo, praticamente sem sentir nada. A primeira coisa de que me lembro é o som de uma voz acima de mim, clara e baixa, que me recordava estranhamente o som de um vento suave em meio às folhas de uma grande árvore. A voz murmurava sem parar:

— Talvez o ame, talvez o ame, porém ele é um homem e, eu, somente uma faia.

Encontrei-me sentado no chão, encostado em uma figura humana e apoiado ainda pelos braços ao meu redor, que eu sabia serem de uma mulher um tanto acima do tamanho humano e de proporções largas. Virei a cabeça, porém sem mover o tronco, pois temia que os braços que me seguravam se soltassem. Então,

*image
not
available*

tão longe quanto minha vista podia alcançar. Notei que, na direção em que ia descer, as árvores não estavam tão próximas do pé da colina quanto do outro lado. Eu estava lamentando em especial o inesperado adiamento de abrigo, porque esse lado da colina parecia mais difícil de descer do que o outro fora de subir, quando meu olhar recaiu sobre uma trilha natural. Ela acabava entre pedras rachadas e o curso de um pequeno córrego, que eu esperava ser mais confortável aos pés. Experimentei seguir a trilha e não achei a descida nem um pouco trabalhosa. Ainda assim, quando cheguei ao pé da colina, eu estava exausto, graças ao calor. Mas, justo onde o caminho parecia terminar, surgiu uma grande rocha, repleta de arbustos e plantas rasteiras, algumas desabrochando plena e esplendidamente, quase escondendo uma abertura na pedra, para a qual o caminho parecia guiar. Eu entrei, sedento pela sombra que ela prometia. Qual foi meu deleite ao encontrar uma cela rochosa em que cada borda e saliência estava lotada com adoráveis samambaias cujas formas, agrupamentos e sombras forjaram em mim um poema, pois tal harmonia não podia existir se não em vista de um único fim! Um pequeno poço da água mais límpida enchia um buraco musgoso em um canto. Eu bebi e senti que sabia como devia ser o elixir da vida. Então me joguei em um monte musgoso que parecia um sofá disposto ao longo da extremidade interna.

Ali eu permaneci em um devaneio delicioso por um tempo, durante o qual todas as formas, as cores e os sons encantadores pareciam fazer do meu cérebro uma área comum onde podiam ir e vir sem ser convidados e sem pedir licença. Jamais imaginara que tal capacidade para a felicidade simples existisse em mim da maneira como fora desperta por essa assembleia de formas e sensações espirituais, que ainda eram muito vagas para admitirem ser traduzidas em qualquer forma conhecida pela minha ou por alguma outra mente. Havia permanecido ali por uma hora, eu supunha, apesar de que deve ter sido bem mais, quando, tendo relaxado o tumulto harmonioso da minha mente, comecei a me dar conta de que meus olhos estavam fixados em um baixo-relevo estranho e desgastado pelo tempo na rocha à minha frente. Após ponderar por um tempo, concluí que ele representava Pigmaleão esperando o nascimento de sua estátua. O escultor se sentava de maneira mais rígida do que a figura para a qual seus olhos estavam virados. Ela parecia pronta a descer de seu pedestal e abraçar o homem, que aguardava mais do que esperava que algo acontecesse.

“Uma linda história”, disse a mim mesmo. “Agora, essa caverna, com os arbustos arrancados da entrada para deixar a luz entrar, talvez fosse um lugar que ele escolheria, afastado dos olhos dos homens, para colocar seu bloco de mármore e moldá-lo em um corpo visível, a que o pensamento já havia dado forma na sala invisível do cérebro do escultor. E, de fato, se não estou enganado”, disse, levantando-me quando um súbito raio de luz adentrou por uma fissura no teto e iluminou uma pequena área da rocha sem vegetação, “a própria rocha é puro mármore, branca e delicada o bastante para qualquer

*image
not
available*

“Ou tu és a Morte, mulher? Desde que eu
Pus-me a cantar ao teu lado,
O céu pela vida foi abandonado,
E todo o mundo exterior morreu.

Sim, estou morto; pois retiraste
Minha vida, para ti a levaste
Lua morta de amor! Liberta o crepúsculo do amanhecer:
Desperta! E faz a escuridão desaparecer.

Dama gelada da rocha adorável!
Desperta! Ou aqui morrerei;
E contigo para sempre estarei,
Minha forma e eu, um par inseparável.
Mas palavras são vãs; a todas diz ‘não’
Exceto uma débil parte, nada expressam:
Ouve as profundezas de onde clamam,
O silencioso anseio do meu coração.”

Nesse instante ouvi um estrondo. Como uma repentina aparição que vem e logo se vai, uma forma branca, coberta por um leve vestido alvo, rompeu para cima da rocha, parou, deslizou à frente e partiu cintilante rumo à floresta. Eu a segui até a entrada da caverna, tão logo o assombro e a concentração do deleite diante daquela visão permitiram que meus nervos responsáveis pelo movimento agissem de novo. Então vi a forma branca em meio às árvores, enquanto cruzava uma pequena clareira no limite da floresta, onde a luz do Sol caía em cheio, parecendo reunir-se em um esplendor mais intenso sobre aquele objeto que flutuava em vez de voar através de seu lago de raios. Acompanhei-a com o olhar numa espécie de desespero; encontrada, liberta e perdida! Parecia inútil segui-la, mas era imperativo fazê-lo. Observei a direção que ela tomou e, sem nem uma única vez me virar para a caverna esquecida, corri para a floresta.

*image
not
available*

grande universo. O falcão da noite quebrava toda a harmonia e tranquilidade com seu recorrente e destoante guincho. Inúmeros sons desconhecidos saíram da escuridão misteriosa, mas eram do tipo que aparece no crepúsculo, oprimindo o coração com uma pesada atmosfera de amor e anseio indefinidos, como a de um sonho. Surgiram os odores da noite, banhando-me naquele exuberante pesar que lhes é peculiar, como se as plantas fossem regadas por lágrimas do passado. A terra me atraía ao seu âmago, e eu me senti como se pudesse cair ao chão e beijá-la. Esqueci-me de que estava no Reino das Fadas e parecia estar caminhando em uma noite perfeita de nossa velha terra mãe. Grandes troncos se erguiam ao redor, construindo um denso e enorme teto de galhos, ramos e folhas sobre mim. O mundo dos pássaros e dos insetos se erguia acima do meu, composto de suas próprias paisagens, de seus próprios matagais, caminhos, clareiras e habitantes, suas próprias rotas para pássaros e prazeres para insetos. Grandes ramos cruzavam meu caminho, grandes raízes sustentavam enormes troncos de árvores, agarrando-se poderosa e firmemente ao solo, fortes para erguer e fortes para suportar. Parecia ser uma velha floresta, perfeita no que diz respeito aos seus modos e encantos. E quando, no meio desse êxtase, lembrei-me de que, debaixo de algum dossel de folhas, perto de um tronco gigante, ou dentro de uma caverna cheia de musgo, ou ao lado de um poço cheio de folhas, estava sentada a dama do mármore, a qual minhas músicas haviam chamado para o mundo exterior, esperando (quem sabe?) encontrar e agradecer seu libertador no crepúsculo que encobriria sua confusão, a noite toda se tornou um reino de sonhos de intensa alegria, com a forma principal presente em todo lugar, embora não pudesse ser vista. Então, recordando como minhas canções pareciam tê-la chamado do mármore, penetrando a preciosa crosta de alabastro, pensei: “Por que minha voz não a alcançaria agora, através da escura noite que a envolve?”. Ato contínuo, minha voz começou a entoar uma canção de maneira tão espontânea, que parecia involuntária.

“Não é um som
Mas em mim ecoando,
Vibra em todo o lugar
Com um cego encanto,
Até em ti se quebrar,
Rainha da Noite!

Toda árvore,
Pela escuridão enegrecida,
Parece encobrir
Segredo, sombra e amor de toda a vida,
Num quarto sagrado
Pelo silêncio preenchido

*image
not
available*

estendida, como uma ave de rapina. Eu estava fadado a morrer de um incomensurável horror, quando, de repente, e na hora em que estava prestes a me agarrar, o grosseiro e pesado soar de um machado ecoou através da floresta, seguido rapidamente de outros golpes. O Freixo estremeceu e gemeu, recolheu sua mão estendida e retirou-se para a entrada da caverna, desaparecendo em meio às árvores. A outra Morte ambulante olhou para mim uma vez mais, com uma repugnância indiferente em seus traços lindamente esculpidos. Então, sem mais se preocupar em ocultar sua deformidade desprovida de conteúdo, virou-se, exibindo suas assombrosas costas e, igualmente, desapareceu no verde exterior. Fiquei parado e chorei. A Donzela do Amieiro havia me enganado e quase me assassinado, apesar de todas as advertências que eu recebera daqueles que conheciam meu perigo.

*image
not
available*

— Na floresta, perdido.

— Ah! Então quem sabe você será capaz de convencer minha boa mulher de que não há nada muito extraordinário na floresta, pois, a bem da verdade, isso traz uma má reputação para essas partes. Me atrevo a dizer que você não viu nada pior do que você mesmo lá fora.

“Quem me dera” foi a resposta dentro de mim, mas, em voz alta, contentei-me em responder:

— Ora, eu certamente vi algumas aparições que sou incapaz de descrever, mas isso é de se esperar dentro de uma floresta desconhecida, contando apenas com a luz trêmula da Lua para me acompanhar.

— Verdade! Você fala como um homem sensato, senhor. Contamos nos dedos as pessoas sensatas ao nosso redor. Dificilmente você vai acreditar, mas minha mulher crê em cada conto de fadas já escrito. Não consigo explicar isso. No mais, ela é uma mulher bastante sensata.

— Mas não deveria respeitar sua crença, mesmo que você mesmo não compartilhe dela?

— Sim, na teoria isso funciona muito bem, mas, quando você vive cada dia em meio ao absurdo, fica muito mais difícil se comportar de maneira respeitosa. Minha mulher realmente acredita na história do Gato Branco. Você a conhece, ousou dizer.

— Li todos esses contos quando era criança e conheço esse especialmente bem.

— Mas, pai — interrompeu a garotinha no canto da lareira —, você sabe muito bem que mamãe é descendente da própria princesa que foi transformada pela fada feiticeira num gato branco. Mamãe me disse isso várias vezes e você tem de acreditar em tudo que ela diz.

— Posso facilmente acreditar nisso — acrescentou o fazendeiro, com outro acesso de riso — porque, outra noite, um rato apareceu roendo e arranhando embaixo do assoalho, e não nos deixava dormir. Sua mãe pulou da cama e, chegando o mais próximo que pode, miou tão infernalmente quanto um grande gato, de tal modo que o barulho cessou imediatamente. Presumo que o pobre rato tenha morrido de medo, pois não o escutamos de novo. Ha! Ha! Ha!

O filho, um jovem de aparência doente, que entrara durante a conversa, juntou-se às risadas de seu pai, mas a sua era muito diferente, carregada de escárnio. Observei-o e vi que, logo ao acabar de rir, aparentou estar assustado, como a temer uma terrível consequência advinda de sua presunção. A mulher permaneceu por perto, esperando até que nos sentássemos à mesa e escutando tudo com um ar divertido, com a mesma aparência de alguém que ouve as afirmações de uma criança pretensiosa. Sentamo-nos para jantar e comi com entusiasmo. Meu estresse passado já começara a parecer bem distante.

— Em que direção está indo? — perguntou-me o velho.

*image
not
available*

u espírito se animou à medida que eu adentrava a floresta. Porém minha mente não conseguia recobrar a antiga lasticidade. Encontrei satisfação em ser como a própria vida não em ser criado por algum raciocínio. Depois, aprendi que melhor modo de lidar com alguns tipos de pensamentos dolorosos é desafiá-los a fazer o pior que podem; é deixá-los mentir e corroer seu coração até se cansarem. Então você descobrirá que ainda tem um resíduo de vida que eles não são capazes de matar. Desse modo, por bem e por mal, continuei até chegar a uma pequena clareira na floresta. No meio dela, encontrei uma cabana longa e baixa, com uma das extremidades construída contra um alto cipreste, que se erguia como uma viga para a construção. Quando a vi, uma leve apreensão cruzou minha mente, mas senti a necessidade de chegar mais perto e olhar através de uma pequena porta entreaberta, perto da extremidade oposta do cipreste. Não vi janela alguma. Espreitando e olhando em direção à extremidade mais distante, vi um lampião queimando com uma chama avermelhada e tênue e a cabeça de uma mulher, abaixada, como se lendo sob aquela luz. Não consegui ver mais nada durante algum tempo. Por fim, quando meus olhos se acostumaram à falta de luz do lugar, constatei que parte da rude construção era utilizada com propósitos domésticos, pois havia aqui e ali diversos utensílios rudimentares e uma cama no canto. Uma atração irresistível me impeliu a atravessar a porta. Em momento algum a mulher levantou o rosto, do qual eu só conseguia ver distintamente a parte superior. Contudo, tão logo pisei na soleira da porta, ela começou a ler em voz alta, com uma voz calma e não completamente desagradável, um antigo e pequeno volume que mantinha

*image
not
available*

quando estava menos ocupada com ele. Ela parou ao meu lado com um sorriso e desejou-me um bom-dia com a voz mais doce. Senti uma maravilhosa apreciação pela criança – pois ela produzia em mim mais a impressão de ser uma criança, embora meu entendimento me dissesse o contrário. Conversamos um pouco e, então, caminhamos juntos na direção que eu estava seguindo. Perguntei-lhe sobre o globo que portava, mas não obtive uma resposta definitiva. Estiquei a mão para pegá-lo. Ela recuou e disse, embora rindo e praticamente me convidando a fazê-lo:

— Você não deve tocá-lo.

Então, depois de uma pausa:

— Se o fizer, que seja com cuidado.

Toquei-o com um dedo. Uma leve vibração começou nele, acompanhada, ou talvez manifestada, por um fraco e doce som. Toquei-o de novo e o som aumentou. Toquei-o uma terceira vez: um ligeiro fluxo de harmonia saiu do pequeno globo. Ela não me permitiu tocá-lo novamente.

Caminhamos juntos por todo aquele dia. Ela me deixou quando o crepúsculo chegou, mas, no dia seguinte, ao meio-dia, encontrou-me como antes, e novamente caminhamos até ao anoitecer. No terceiro dia, ela veio ao meio-dia como de costume, e caminhamos juntos. Nesse ponto, embora houvéssemos conversado sobre muitas coisas com relação ao Reino das Fadas e à vida que ela tinha vivido até ali, eu ainda não havia sido capaz de aprender qualquer coisa acerca do globo. Nesse dia, entretanto, enquanto prosseguíamos, a sombra deslizou em volta de mim e envolveu a donzela. Não foi capaz de mudá-la, mas meu desejo de saber mais sobre o globo, que, em sua escuridão, começou a bruxulear com uma luz interior e a lançar lampejos multicoloridos, tornou-se irresistível. Estendi as duas mãos e o segurei. Ele começou a soar como antes. O som rapidamente aumentou, até tornar-se uma baixa agitação em harmonia. O objeto estremeceu, tremeu e pulsou entre minhas mãos. Não tive coragem suficiente para arrancá-lo da donzela, embora eu o tenha segurado apesar de suas tentativas de tomá-lo de mim. Sim, tenho vergonha de dizer que fiz isso, apesar de suas súplicas e, finalmente, suas lágrimas. A música continuou crescendo em intensidade e mistura de tons, o globo vibrou e inflou até que, por fim, explodiu em nossas mãos. Um vapor negro saiu dele e envolveu a donzela, escondendo até mesmo a sombra em sua escuridão. Ela rapidamente recolheu os cacos do objeto, os quais eu abandonei, e fugiu de mim para a floresta na direção da qual viera, chorando como uma criança e dizendo:

— Você quebrou meu globo! Meu globo está quebrado! Meu globo está quebrado!

Decidi ir atrás dela na esperança de dar-lhe conforto, mas não a segui por muito tempo, pois uma repentina e gélida rajada de vento curvou as copas das árvores acima de nós, varrendo os seus ramos ao nosso redor. Então uma grande nuvem cobriu o dia e uma forte tempestade caiu, fazendo-me perdê-la de vista.

*image
not
available*

Copyrighted image



Copyrighted image

ós ter deixado o vilarejo em que havia descansado por quase uma semana, viajei por uma região desértica de terra seca e ochas brilhantes, povoada principalmente por gnomos. Assim que adentrei seus domínios, e na verdade a qualquer hora que me encontrasse em meio a outra tribo deles, começaram a me ridicularizar com mãos estendidas cheias de ouro e joias. Faziam caretas horrendas para mim e realizavam a mais bizarra homenagem, como se pensassem que eu esperava reverência, e me tratavam como um maníaco. Porém, sempre que um deles lançava o olhar para a sombra atrás de mim, fazia uma cara de nojo – uma mistura de pena e desdém – e parecia envergonhado, como se tivesse sido pego fazendo algo desumano. Então, derrubando a mão repleta de ouro e parando com todas as caretas, abria caminho para eu passar em paz e sinalizava aos companheiros que fizessem o mesmo. Não tinha vontade de observá-los por muito tempo, pois a sombra estava em meu coração assim como em meus calcanhares. Andei indiferente e praticamente sem esperança, até que um dia cheguei a uma pequena fonte de água que, jorrando gelada do coração de uma rocha aquecida pelo Sol, de alguma forma, fluía para o sul em relação à direção que eu estivera seguindo. Bebi dessa fonte e senti-me maravilhosamente refrescado. Um tipo de amor pelo pequeno e alegre riacho brotou em meu coração. Apesar de nascer em um deserto, parecia dizer a si mesmo: “Correrei, cantarei e banharei minhas margens, até que faça do meu deserto um paraíso”. Pensei que não poderia fazer nada melhor do que

*image
not
available*

nenhum raio de seu luar iluminava o pátio devido à altura das construções ao redor, o local era iluminado por um segundo reflexo vindo do Sol em outras terras: o topo da coluna de água, ao se espalhar antes de cair, apanhava os raios do luar e, como uma grande lâmpada pálida, pendurada no alto do ar da noite, lançava uma fraca memória de luz (por assim dizer) sobre o pátio embaixo. O chão do local era revestido de losangos de mármore branco e vermelho. Conforme o hábito que adquiri no Reino das Fadas de sempre escolher um guia ao caminhar pela primeira vez em uma direção, segui a corrente de água que jorrava da base da fonte. Ela me levou a uma grande porta que estava aberta, embaixo dos degraus ascendentes que seguia através de um arco baixo, sumindo em seguida. Ultrapassando a porta, descobri-me em um grande salão circundado por pilares brancos e com o chão preto e branco. Pude ver esses detalhes porque o luar, entrando pelas aberturas na parede contrária, iluminava todo o lugar. Entretanto não fui capaz de discernir sua altura. Assim que entrei, tive a mesma sensação que experimentava na floresta com frequência: a de que havia outros, além de mim mesmo, embora não conseguisse ver mais ninguém e tampouco ouvir qualquer som a denunciar a presença de mais alguém. Desde a minha visita à Igreja da Escuridão, meu poder de ver as fadas de ordens mais elevadas havia gradualmente diminuído até quase extinguir-se por completo. Contudo ainda era capaz de acreditar na presença delas, mesmo desprovido da capacidade de vê-las. Não obstante, mesmo que tivesse companhia, ainda que inofensiva, parecia-me pouco atraente passar a noite em um salão de mármore vazio, embora belo, em especial quando a Lua estava tão perto de seu ponto mais baixo e em breve cederia lugar à escuridão. Desse modo, comecei pelo lugar onde havia entrado e caminhei ao redor do salão, procurando alguma passagem ou porta que me levasse a uma câmara mais hospitaleira. Enquanto examinava o lugar, senti-me deliciosamente preenchido pelo sentimento de que atrás de algum dos aparentemente incontáveis pilares havia alguém que me amava, aguardando por mim. Então, imaginei-a seguindo-me de um pilar ao outro, enquanto eu caminhava, mas nenhum braço surgiu no débil luar e nenhum suspiro denunciou a sua presença.

Por fim, cheguei a um corredor aberto onde me aventurei, apesar de, ao fazer tal manobra, ter deixado a luz para trás. Caminhei ao longo desse corredor com as mãos estendidas à frente, tateando o caminho até alcançar outro, perpendicular àquele em que eu estava. Ao fim deste, vislumbrei uma luz muito fraca, extremamente pálida até mesmo para o luar, assemelhando-se mais a uma vaga fosforescência. Entretanto, onde tudo era branco, mesmo uma luz fraca aumentava a claridade. Assim, segui até o fim do segundo corredor, que descobri ser muito longo.

Ao alcançar a luz, constatei que ela vinha do que aparentavam ser letras prateadas sobre uma porta de ébano e, para minha surpresa, mesmo estando no lar das maravilhas, as letras formavam a frase “A casa de Sir Anodos”. Embora

*image
not
available*

qualquer desenho, pois as pedras pareciam não ter padrão algum, como se tivessem sido fixadas por mãos negligentes e brincalhonas. Contudo um olhar mais atento identificava a mais harmoniosa confusão e, quando olhei para o jogo de suas cores, em especial com o movimento das águas, cheguei, por fim, a sentir como se nem uma simples pedrinha pudesse ser removida sem afetar o resultado do conjunto. Abaixo desse solo de águas jazia o reflexo azul do teto invertido, ornado com suas estrelas prateadas, como um segundo e mais profundo mar envolvendo o primeiro. Provavelmente essa banheira de fadas era alimentada pela fonte do pátio. Despi-me, tomado por um irresistível desejo, e mergulhei naquelas águas, que me envolveram com a nova sensação de que éramos um só. As águas estavam tão próximas, que pareciam entrar e reviver meu coração. Subi à superfície, retirei o excesso de água de meus cabelos e nadei como se estivesse em um arco-íris, por entre fulgores de gemas localizadas abaixo de mim e vistas de acordo com a agitação causada pela minha movimentação. Então, de olhos abertos, mergulhei e nadei abaixo da superfície. E então ocorreu uma nova maravilha, pois a bacia parecia estender-se por todos os lados como um mar, apresentando aqui e ali grupos de rochas oceânicas, erodidas por intermináveis vagalhões que inundavam magníficas cavernas e pináculos grotescos. Ao redor das cavernas despontavam algas marinhas de todos os matizes, e corais brilhavam entre elas. Distante, contudo, vislumbrei nas águas o que me pareceram criaturas com formas humanas. Pensei que estivesse sob o efeito de algum encanto e que, quando subisse para a superfície, me encontraria a quilômetros de distância da costa, nadando sozinho em meio a um mar agitado. Porém, quando meus olhos emergiram das águas, vi acima de mim a abóbada azul e os pilares avermelhados ao redor. Mergulhei de novo e me vi, uma vez mais, no coração de um grande mar. Então, subi à superfície e nadei em direção à beirada, deixando a bacia com facilidade, pois as águas atingiam o nível da borda, formando pequenas ondas sobre o piso de mármore. Vesti-me e saí, sentindo-me profundamente restaurado.

A partir daí, comecei a discernir vagas e graciosas formas, aqui e ali, em todo o palácio. Algumas andavam juntas, conversando animadamente, enquanto outras permaneciam sozinhas. Ainda discernia algumas reunidas em grupos, como se estivessem olhando e conversando sobre um quadro ou uma escultura. Nenhuma delas jamais prestou atenção em mim e tampouco era claramente visível. Por vezes, a forma individual ou mesmo o grupo desaparecia por completo de meu campo de visão enquanto os observava. A noite caiu, trazendo consigo a Lua, tão clara quanto no horizonte do oceano quando o Sol se põe no oeste. Comecei a ver as formas mais nitidamente, em especial quando se posicionavam entre mim e a Lua e de maneira ainda mais clara quando eu me abrigava na sombra. Mas, até mesmo então, às vezes eu via somente a ondulação passageira de um manto branco; ou um braço ou pescoço encantador brilhando no luar; ou pés brancos andando sozinhos sobre a relva iluminada pela Lua.

*image
not
available*

Por um caminho desgastado com passo fatigado,
Antes de a Terra sua raça gerar:
Porém por muito tempo a Terra girou
Pelo caminho que ainda deve andar,
Antes de o velho planeta, em plúmbeas asas,
A corte do rei do planeta circundar.

Lá, naquela estrela solitária e distante,
As estações não são como as nossas;
Mas, por muitos anos, o Outono deve vestir
As árvores em seu matronal encanto;
Assim como o velho Inverno, em triunfo, tem de ir
Sobre belezas mortas cobertas por seu manto;
E muitas primaveras passarão
Penteando os pingentes de suas madeixas,
E o verão, querido Verão, tem anos de Junho;
Com imensas nuvens brancas e frias chuvas:
E uma beleza que passa a ser pesar
Até que uma explosão de lágrimas venha o coração aliviar.

Crianças nascidas quando o Inverno impera
Talvez nunca se alegrem na esperança da Primavera;
Embora de alegria seus próprios corações tenham
explodido,
E a criança em menina ou menino tenha crescido,
Mas possa morrer com horas frias e dissabores
Olhando-as em lugar das flores.
E algumas que de seu sono primordial despertem,
Quando sinais do verão pelas florestas rastejem,
Vivam, amem e novamente recebam amor,
Busquem o prazer e encontrem sua dor,
E mergulhem em seu derradeiro e desamparado torpor
Com os mesmos e doces rastejantes aromas ao redor.

Bem, as crianças lá não nascem como as nascidas em mundos mais próximos ao Sol, pois elas aparecem não se sabe como. Uma mulher, andando sozinha, ouve um choro que, mesmo lá, é a primeira expressão, e, seguindo o som, encontra uma pequena criança, seja à sombra de uma rocha entre os arbustos, entre pedras cinzentas ao lado de uma colina ou em qualquer lugar inesperado que sirva de abrigo. Ternamente, ela toma o infante em seus braços e retorna para casa, bradando:

*image
not
available*

Cansou de amar e, após suas costas virar,
Apressou-se em sua rota ao sul trilhar;
Impotente e suspensa, cada folha esmaecida
Com um lamento inútil logo é esquecida.
Como tristes sinais do Outono, surgem ventanias,
Tristemente açoitando suas famílias;
Lançando fora com um gemido impotente
Tudo que ainda lhe é pertencente,
Como a criança, ao ver seu pássaro partir,
Lança a gaiola para no rio sumir.
Como a morte, as árvores gigantes se desnudam,
E, ao grande sopro do Vento, lentamente se curvam;
E suspiram, esforçando-se para não suspirar
Em meio às jovens árvores, sempre a se queixar.
E o mar do planeta, antigo e potente,
Agitava-se, para cima e para baixo, impaciente,
E as cristas das ondas brancas e quebradas,
Agitavam-se para ver suas forças aliviadas;
O rio lutava para o mar alcançar,
Mas a onda apressava-se em retornar.
A natureza vivia em tristeza agora;
Vivia o pesar no semblante da senhora,
Enquanto observava, com um fixo e semiconsciente olhar,
Uma folha solitária, na altura, a balançar,
Até cair do galho desolado, afinal.
Ó tristeza, ó aflição! É tempo invernal.
Por uma única folha, suas lágrimas foram vertidas,
Pois com pouco sua barragem de pesar foi rompida:
Quando a água está perto da borda,
Com apenas uma gota, ela transborda.

Muitos e muitos anos de aflição
Devem passar até ressurgir o botão,
Muitas noites de pesar obscuro
Levam à luz de um lúgubre futuro,
Até que, nas árvores cobertas, as cotovias
Encham os galhos com suas melodias.
Ela sonhará com prados repletos de riachos vibrantes;
De agitadas gramas sob um Sol radiante;
De poços escondidos em silêncio brotando,
Como algo santo, sua alegria guardando;
De fontes, o dia inteiro a expressar

*image
not
available*

— Eu levo para a sua casa — disse o velho homem, quando Cosmo tomou o espelho em suas mãos.

— De modo algum! Eu mesmo levo — respondeu ele, pois não gostava de revelar sua residência a ninguém, em especial àquele homem, por quem passava a nutrir crescente antipatia.

— Como achar melhor — respondeu a velha criatura, murmurando para si mesma enquanto conduzia Cosmo à saída: — Vendido pela sexta vez! Quero ver qual será o desfecho agora. Achava que minha dama já havia tido o suficiente!

Com cuidado, Cosmo carregou seu prêmio até sua casa, mas, durante todo o percurso, ele teve a desconfortável sensação de estar sendo observado e seguido. Repetidas vezes, olhou sobre os ombros, ao redor, porém não viu nada que justificasse suas suspeitas. Na verdade, as ruas estavam cheias e mal-iluminadas demais para revelar de pronto um espião cuidadoso, se algum estivesse em seu encalço. Por fim, chegou ao apartamento em segurança, apoiando sua compra sobre a parede, aliviado por se livrar daquele peso, apesar de ser forte. A seguir, acendeu o cachimbo, jogou-se no sofá e logo se viu envolvido em um de seus sonhos recorrentes.

No dia seguinte, Cosmo voltou à sua casa mais cedo que de costume e pendurou o espelho na parede, perto da lareira, numa das extremidades de seu comprido aposento. Então, com exímio cuidado, removeu a poeira da superfície e, cristalino como as águas de uma ensolarada fonte, o espelho brilhou debaixo da invejável cobertura. Mas sua atenção foi atraída principalmente pelo curioso entalhe da moldura. Ele o limpou tão bem quanto pôde com uma escova, depois examinou por um minuto suas diferentes partes na esperança de descobrir algum indício da intenção do escultor. Nisso, porém, não foi bem-sucedido e, durante a inspeção, ao pausar devido a um pouco de cansaço e frustração, fitou absorto a imensidão do cômodo refletido. Mas logo disse em um tom de voz audível:

— Que objeto estranho um espelho é! E que magnífica afinidade existe entre ele e a imaginação humana! Pois este meu aposento, enquanto o vejo no espelho, é o mesmo e, ao mesmo tempo, não é. Não constitui a mera representação do lugar onde moro, mas parece que estou lendo a sua descrição em um livro cuja história me agrada. Todas as generalidades desaparecem. O espelho o transportou da região do fato para o reino da arte, e a sua própria representação para mim revestiu-se de um interesse que, de outra forma, seria estéril e simples, assim como alguém presencia do palco a representação de um personagem que poderia parecer insuportavelmente frágil na vida real. Mas não é preferível que a arte resgate a natureza de nossos sentidos fatigados e fartos e a degradante injustiça do nosso dia a dia e, lançando mão da imaginação, que habita à parte, revele a Natureza em alguma medida como ela realmente é e se apresenta aos olhos de uma criança, cuja vida cotidiana, sem medo ou ambição, encontra a verdadeira importância do mundo, repleto de maravilhas, e alegra-se